


A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COGNITIVO DE CRIANÇAS COM TEA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n2-177>

Data de submissão: 14/01/2025

Data de publicação: 14/02/2025

Janayra Alves Brito

Estudante de Medicina

Centro universitário Inta-UNINTA

E-mail: janayrabrito12@gmail.com

ORCID: 0009-0004-9475-2496

LATTES: 5627227498536149

Kauan Rasnhe Ferreira Sampaio

Acadêmico de Medicina

UNINTA-INTA

E-mail: krasnhe@gmail.com

ORCID: 0009-0009-8637-046X

LATTES: <https://lattes.cnpq.br/6310465208326127>

Letícia Pires Ribeiro

Estudante de Medicina

Centro universitário Inta - UNINTA

E-mail: lpiresribeiro11@gmail.com

ORCID: 0009-0006-6085-4739

Sarah Lucia de Sousa Silva

Estudante de Medicina Centro Universitário Inta- UNINTA

E-mail: sarahlucia1812@gmail.com

ORCID: 0009-0005-9502-624X

Samille Menezes Melo

Estudante de Medicina

Centro Universitário Inta - UNINTA

E-mail: samilemello12@gmail.com

ORCID:0009-0003-0977-8230

Íris Machado Fernandes

Estudante de Medicina

Centro Universitário Inta- UNINTA

E-mail: Iris_machado9@icloud.com

ORCID: 0009-0009-1471-8498

Maria Eduarda Gomes Oliveira Costa

Estudante de Medicina

Centro universitário Inta-UNINTA

E-mail: meduardaacosta16@gmail.com

ORCID: 0009-0001-3780-4212

Bruna Carla Saboia Sousa
Estudante de Medicina
Centro Universitário INTA- UNINTA
E-mail: brunasaboia@outlook.com
ORCID: 0009-0005-2476-3488

RESUMO

O presente artigo examina a importância do brincar no desenvolvimento social e cognitivo de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O TEA é uma condição neurodesenvolvimental que se caracteriza por dificuldades significativas em comunicação, interação social e comportamentos restritos e repetitivos, afetando a qualidade de vida das crianças e suas famílias. O brincar emerge como uma forma primordial de comunicação e aprendizado, sendo crucial para a construção de habilidades sociais e emocionais. Apesar das dificuldades que crianças com TEA enfrentam, como limitações na criatividade, engajamento em atividades lúdicas e desafios sensoriais, o brincar, especialmente quando estruturado, pode promover avanços significativos nas áreas de comunicação, interação e flexibilidade cognitiva. Intervenções lúdicas, quando aliadas à participação ativa de pais e cuidadores, criam um ambiente seguro e estimulante, favorecendo a inclusão e a autonomia. Este artigo busca explorar as evidências na literatura científica sobre como o brincar pode ser utilizado como uma ferramenta terapêutica eficaz, contribuindo para o desenvolvimento integral de crianças com TEA e promovendo sua inclusão social e emocional.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Atividades Lúdicas. Interação Social. Reabilitação.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurodesenvolvimental caracterizada por dificuldades significativas em comunicação, interação social e comportamentos restritos e repetitivos. A prevalência do TEA tem aumentado nas últimas décadas, levando a um crescente interesse na identificação de intervenções eficazes que possam melhorar a qualidade de vida das crianças afetadas e suas famílias.

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é diagnosticado com base em dois critérios fundamentais, conforme estabelecido pelos modelos clínicos atuais. O primeiro envolve déficits persistentes na comunicação social e na interação social, e o segundo refere-se a padrões de comportamento, interesses e atividades restritos e repetitivos. O primeiro critério diagnóstico destaca a dificuldade das crianças com TEA em estabelecer e manter interações sociais significativas. Isso inclui falhas na comunicação verbal e não verbal, como a falta de expressões faciais ou gestos, e a dificuldade de iniciar ou responder a interações sociais de forma adequada. Além disso, há um comprometimento na capacidade de compartilhar interesses e emoções com outros, limitando as experiências sociais da criança e, conseqüentemente, dificultando o desenvolvimento de habilidades relacionais (Wehmuth & Antoniuk, 2013). No que se refere ao segundo critério, as crianças com TEA frequentemente apresentam comportamentos repetitivos e inflexíveis, como movimentos estereotipados, a utilização rígida de objetos e a repetição de atividades. Elas também tendem a aderir de forma inflexível a rotinas específicas e têm uma gama restrita de interesses, o que pode se manifestar em uma hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais, ou até mesmo em uma fascinação por aspectos sensoriais do ambiente. Esses padrões de comportamento refletem a dificuldade de adaptação a novas situações ou mudanças, limitando a exploração e a capacidade de adaptação às dinâmicas sociais e ambientais (Wehmuth & Antoniuk, 2013).

O brincar é a principal forma utilizada pela criança para comunicar-se, expressar-se, relacionar-se e aprender. Contribui de maneira singular para o atendimento a crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), trazendo formas espontâneas de intervenção nas demandas, deficit e dificuldades apresentadas por elas. O brincar em suas propostas lúdicas vem contemplar o grande número de manifestações do espectro, buscando atender cada criança, em suas particularidades, através do jogo coletivo e individual. O brincar como intervenção terapêutica, direcionada e formulada por meio de um Projeto Terapêutico Singular - PTS (BRASIL, 2015, p. 73), correlacionando sua relevância dentro do neurodesenvolvimento, sai do lugar que muitas vezes ocupa, apenas relacionado ao entretenimento e ao lazer, para ocupar um lugar de destaque na intervenção direta junto à criança em atendimento, assumindo o poder transformador e terapêutico que ele tem.

Sabemos que as manifestações lúdicas se apresentam igualmente como possibilidade de aprofundamento de vínculos entre equipe terapêutica e a criança e desta com a família, pois configura-se como uma prática e enriquecedora em todos os seus contextos de vida, sendo foco, também, nas orientações aos pais e a instituições educacionais.

O brincar é uma das formas mais ricas de aprendizado e desenvolvimento na infância, mas nas crianças com TEA, ele tende a ser empobrecido e restrito. As crianças com autismo frequentemente não engajam em brincadeiras de forma espontânea e tendem a se concentrar em atividades repetitivas ou em brincadeiras isoladas. A limitação no uso de objetos durante o brincar, a falta de criatividade e o baixo potencial imaginativo, aspectos típicos do desenvolvimento normal do brincar, são especialmente marcantes. Esses déficits no brincar, muitas vezes, refletem não só uma falha em iniciar interações sociais, mas também uma falta de motivação para interagir com outras crianças ou adultos no contexto lúdico. O brincar, em muitos casos, é marcado por ritualizações e escolhas repetitivas, sem espaço para exploração ou troca social significativa (Araújo, 2011).

A baixa exploração do brincar e a limitação das interações sociais podem ser ainda mais intensificadas por dificuldades sensoriais, frequentemente observadas nas crianças com TEA. As alterações no processamento sensorial afetam a forma como essas crianças experienciam o mundo ao seu redor. Elas podem apresentar respostas inadequadas aos estímulos ambientais, como sons, texturas ou movimentos, o que interfere diretamente na sua capacidade de engajamento nas atividades lúdicas. Além disso, essas alterações sensoriais podem levar a comportamentos excessivos ou exagerados, como movimentos corporais intensos ou uma constante manipulação de objetos, que prejudicam a participação em brincadeiras e atividades sociais. Esse distúrbio na modulação sensorial pode causar dificuldades adicionais no desenvolvimento motor e na execução de tarefas cotidianas, o que impacta ainda mais a qualidade do brincar e o envolvimento da criança em atividades de exploração (Bernert, 2013).

Além das dificuldades sensoriais e motoras, as crianças com TEA também enfrentam desafios significativos no planejamento motor, o que compromete ainda mais sua capacidade de engajamento nas brincadeiras. Elas têm dificuldade em organizar e executar ações motoras de forma coordenada, o que pode resultar em transições rápidas entre brinquedos ou atividades sem uma exploração aprofundada de nenhum deles. A falta de imitação de ações e a baixa funcionalidade no uso dos brinquedos são características comuns, refletindo uma limitação no desenvolvimento de habilidades motoras finas e na capacidade de brincar de forma mais estruturada e criativa. Isso também é acompanhado por dificuldades no desenvolvimento do jogo simbólico, como jogos de faz de conta, que são observados em

níveis muito mais baixos em comparação com crianças de desenvolvimento típico. A falta de imitação e a incapacidade de participar de brincadeiras representativas limitam o potencial de aprendizagem das crianças com TEA, prejudicando sua socialização e habilidades cognitivas de forma geral (Bernert, 2013; Araújo, 2011).

Em resumo, o TEA impõe desafios significativos ao desenvolvimento das crianças, especialmente no que diz respeito à socialização e à participação em atividades lúdicas. A rigidez comportamental, a limitação nos padrões de brincadeira e a alteração sensorial contribuem para uma experiência de brincadeira reduzida, que impacta diretamente o aprendizado e as interações sociais dessas crianças, interferindo em sua capacidade de explorar o ambiente de forma natural e interagir de maneira construtiva com os outros.

Nesse contexto, o brincar emerge como uma atividade fundamental não apenas para o desenvolvimento infantil em geral, mas especialmente para crianças com TEA, pois oferece um meio natural e envolvente para promover habilidades sociais, emocionais e cognitivas. O ato de brincar transcende a mera diversão; ele é um componente essencial do desenvolvimento humano. Para crianças típicas, o brincar é uma forma de explorar o mundo, desenvolver a criatividade e aprender a interagir com os outros. No caso das crianças com TEA, o brincar pode servir como uma ponte para a aquisição de habilidades sociais que muitas vezes são desafiadoras. Estudos demonstram que as brincadeiras estruturadas e não estruturadas podem facilitar a interação social, permitindo que essas crianças pratiquem e aprimorem suas habilidades de comunicação e empatia em um ambiente seguro e controlado. Além disso, o brincar desempenha um papel crucial no desenvolvimento cognitivo.

Atividades lúdicas estimulam o pensamento crítico, a resolução de problemas e a criatividade, aspectos que são frequentemente comprometidos em crianças com TEA. Através de jogos e brincadeiras, elas têm a oportunidade de experimentar diferentes cenários e papéis, o que pode ajudar na compreensão de emoções e na regulação emocional. Essa capacidade de se engajar em atividades lúdicas não só promove o aprendizado, mas também contribui para a construção da autoestima e da autoconfiança. Entretanto, é importante reconhecer que as crianças com TEA podem apresentar desafios únicos que dificultam sua participação em atividades lúdicas convencionais. Por isso, intervenções direcionadas que considerem as necessidades específicas dessas crianças são essenciais.

Profissionais da saúde, educadores e familiares devem colaborar para criar ambientes de brincadeira inclusivos e adaptados, onde as crianças possam interagir com seus pares de maneira significativa. O uso de tecnologias assistivas e brincadeiras estruturadas como jogos de tabuleiro, brincadeiras de imitação, atividades de construção, jogos de movimento, jogos de cartas, atividades artísticas estruturadas, jogos de role-playing, quebra-cabeças, jogos de equipe e atividades

sensorialmente ricas podem ser particularmente benéficas, proporcionando oportunidades para que as crianças desenvolvam habilidades sociais em um contexto de apoio. Diante desse cenário, este artigo busca explorar a importância do brincar no desenvolvimento social e cognitivo de crianças com TEA, analisando as evidências disponíveis na literatura científica sobre como essa atividade pode ser utilizada como uma ferramenta terapêutica eficaz. Serão discutidas as implicações práticas para profissionais e cuidadores, bem como as estratégias que podem ser implementadas para maximizar os benefícios do brincar na vida dessas crianças. Ao final, espera-se contribuir para uma melhor compreensão do papel vital que o brincar desempenha no desenvolvimento integral de crianças com TEA, promovendo não apenas seu crescimento individual, mas também sua inclusão social e emocional.

2 METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma revisão bibliográfica que tem como objetivo analisar o impacto do brincar no desenvolvimento social e cognitivo de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A pesquisa foi realizada nas seguintes plataformas: Google Scholar, UpToDate, PubMed, SAGE Journals, ResearchGate e Wiley Online Library. Como critérios de inclusão foi definido estudos publicados entre 2005-2025 nas línguas portuguesa e inglesa, bem como artigos revisados por pares, revisões sistemáticas e estudos originais que abordassem a relação entre brincar e o desenvolvimento social e cognitivo em crianças com TEA. Como critérios de exclusão foi estabelecido estudos duplicados, trabalhos com foco exclusivo em adultos ou populações não relacionadas ao TEA e estudos com metodologia incompleta ou sem relação direta com o tema. Foram utilizadas palavras-chave estruturadas de acordo com o Descritores em Ciência da Saúde (DeCS), sendo elas: transtorno do espectro autista, atividades lúdicas, interação social, reabilitação. Após a busca inicial, os artigos foram triados com base na relevância do título e resumo, em seguida, os textos completos foram lidos e analisados para verificar sua adequação ao objetivo do estudo, por fim, os dados foram organizados e categorizados em temas centrais para facilitar a análise e discussão.

3 RESULTADOS

Os dados analisados indicam que o brincar desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de crianças que necessitam de estimulação precoce. O uso do brincar como recurso terapêutico e relacional possibilita um investimento amplo no potencial da criança, respeitando sua idade cronológica e corrigida, suas preferências e criando um ambiente acolhedor para a família. O desenvolvimento infantil está diretamente associado a processos neuronais que ocorrem desde o

nascimento, impulsionados tanto por fatores biológicos quanto pela qualidade das experiências e interações vivenciadas pela criança. Nesse sentido, o Sistema Nervoso Central não está completamente formado ao nascimento e, com o passar do tempo, estruturas mais maduras inibem comportamentos primitivos, permitindo a aquisição de habilidades motoras e cognitivas mais complexas (Vilanova, 1998). Além disso, evidências indicam que a neuroplasticidade tem um papel essencial nesse processo, pois as interações da criança com o ambiente influenciam diretamente a organização neuronal, promovendo transformações que favorecem a aprendizagem e o desenvolvimento global (Guerra, 2008). Assim, experiências enriquecedoras, como o brincar, exercem um impacto positivo ao estimular conexões neurais e aprimorar a capacidade adaptativa da criança. No contexto das crianças com TEA, o brincar se destaca como um meio importante de comunicação e expressão. Mesmo quando a criança brinca sozinha, há indicativos de que ela utiliza seu potencial imaginativo para interagir simbolicamente com brinquedos ou personagens fictícios, o que contribui para a construção da linguagem. Esse processo auxilia na ampliação do vocabulário, no aprimoramento da pronúncia e na estruturação de frases.

Além disso, o brincar favorece o aprendizado de regras sociais, permitindo que a criança compreenda a importância da negociação, da resolução de conflitos e do respeito às normas estabelecidas em contextos lúdicos (Cordazzo & Vieira, 2007; Hansen et al., 2007). Observou-se ainda que, para crianças com TEA, brincadeiras estruturadas podem ser mais eficazes do que brincadeiras de livre interação, uma vez que possuem objetivos claros e menor exigência de envolvimento afetivo espontâneo. Esse tipo de atividade facilita a participação dessas crianças, promovendo o desenvolvimento de habilidades sociais, como a cooperação e a alternância de turnos. Dessa forma, os resultados sugerem que o brincar estruturado pode ser uma ferramenta essencial na promoção do desenvolvimento infantil dentro do espectro autista, contribuindo tanto para o aprimoramento da comunicação quanto para a ampliação das interações sociais. Os tipos de atividades estruturadas que desempenham um papel essencial no desenvolvimento de crianças com TEA são jogos que seguem uma sequência lógica, como tabuleiros, montagem de blocos e Jenga, pois favorecem a organização cognitiva e a compreensão de regras (Barton; Lawrence; Deurloo, 2019). Por outro lado, dinâmicas que envolvem atenção conjunta, como jogos de ação e movimento — por exemplo, morto-vivo, pega-pega, esconde-esconde, carimba, vôlei e futebol — estimulam a comunicação verbal e não verbal, promovendo maior engajamento social no ambiente escolar (Wong; Kasari, 2012).

No aspecto cognitivo, o brincar simbólico representa um desafio para crianças com TEA, especialmente devido à dificuldade em estabelecer vínculos sociais espontâneos. No entanto, essa

forma de brincadeira é fundamental para o desenvolvimento da imaginação, da resolução de problemas e da flexibilidade comportamental, permitindo que a criança explore diferentes papéis sociais e aumente sua capacidade de adaptação e autonomia (Kasari; Freeman; Paparella, 2006).

Além disso, intervenções estruturadas demonstram ser eficazes na ampliação do repertório lúdico dessas crianças. Um estudo avaliando o programa Learn to Play revelou avanços significativos na criatividade, no uso da linguagem e no envolvimento com brincadeiras, ressaltando a importância dessas abordagens na estimulação do desenvolvimento infantil (Stagnitti; O'Connor; Sheppard, 2012).

De acordo com Araújo (2011), as crianças com TEA apresentam sérias dificuldades em imitar movimentos faciais e gestos, além de enfrentarem desafios na imitação de ações com objetos, frequentemente ocorrendo de forma tardia. Estudos de Hobson e Hobson (2008), citados por Araújo (2011), sugerem que essas dificuldades não se devem a uma incapacidade de imitar as ações em si, mas sim a um comprometimento na reciprocidade emocional, ou seja, na capacidade de se identificar subjetivamente com o outro. Nesse sentido, ao explorar o potencial imitativo das crianças, começando com imitações simples, como expressões faciais ou falas de terapeutas, cuidadores ou outras crianças, pode-se observar progressos significativos. Um exemplo de atividade lúdica que trabalha essa imitação seria a realização de ações com um brinquedo, como alimentar animais de fazenda, sendo imitado pela criança, mesmo que ela tenha dificuldades com o contato visual. Esse tipo de atividade indica que o déficit imitativo está sendo abordado e que pode ser expandido para outras relações sociais da criança. (Cipriano; Almeida, 2016)

Crianças com autismo leve, por sua vez, podem exibir comportamentos de rigidez, como a não aceitação de erros (quando a criança se irrita por ter pintado um desenho fora do enquadramento sem querer, por exemplo), comunicação mecanizada e dificuldades nas interações com outras pessoas. Essas crianças tendem a ser mais passivas e a apresentar falta de espontaneidade no brincar. Nesse contexto, é fundamental que atividades lúdicas sejam promovidas, com ênfase no jogo, que oferece flexibilidade e liberdade, favorecendo o desenvolvimento de aspectos sociais e emocionais dessas crianças. Durante a brincadeira, essas crianças serão incentivadas a adotar um papel mais ativo e envolvente, onde elas e os outros envolvidos terão que negociar decisões sobre o momento lúdico. A partir dessas interações, elas poderão transferir as habilidades adquiridas para outros contextos da vida cotidiana. Esse processo pode resultar em melhorias na qualidade de suas relações, refletindo-se em uma maior flexibilidade nas interações com familiares e amigos, além de ampliar seu repertório para resolver conflitos de forma mais independente, sem depender da intervenção de terceiros ou da manifestação de comportamentos disruptivos. Para crianças que também estão no Espectro Autista, mas que apresentam comportamentos significativamente diferentes daqueles descritos anteriormente,

a proposta envolve jogos mais estruturados, começando com atividades lúdicas simples e evoluindo para brincadeiras mais organizadas. Essas crianças, que frequentemente exibem desorganização nas suas ações, como se mostrar desorientadas no brincar, com posturas descoordenadas (como se movimentando de maneira repetitiva e rodopiando com objetos), dificuldades motoras (como falta de controle nos movimentos, esbarrando frequentemente) e rigidez (manifestada na intolerância a limites e resistências à intervenção de outros), se beneficiam de atividades mais planejadas e sequenciais. Segundo Almeida (2011), essas brincadeiras estruturadas favorecem a organização da criança, proporcionando um contexto de previsibilidade e controle.

Jogos organizados, como jogos de tabuleiro (exemplo: jogo imobiliário e jogo da vida), jogos de construção (como montar torres com blocos de Lego) e outros jogos de regras mais claras, como jogo da memória; ou quebra-cabeça, podem ser particularmente eficazes. Esses jogos possuem um começo, meio e fim bem definidos, com objetivos claros e regras pré-estabelecidas, que ajudam a criança a desenvolver habilidades de planejamento e organização. Isso se reflete não apenas no contexto lúdico, mas também pode ser transferido para atividades da vida diária (AVDs), como o autocuidado, por exemplo, ensinar a criança a planejar e executar tarefas simples, como escovar os dentes ou tomar banho. Além disso, essa estrutura permite que a criança compreenda melhor a importância de finalizações e transições, ajudando aquelas que se desorganizam ao término de uma atividade a entender que o processo tem um início, um meio e um fim, facilitando a aceitação das finalizações das atividades terapêuticas (Wong e Kasari, 2012). De maneira geral, os achados reforçam que a inclusão do brincar, especialmente em contextos estruturados e direcionados, não apenas favorece o desenvolvimento social e emocional, mas também fortalece habilidades cognitivas essenciais. Essas evidências destacam a necessidade de integrar atividades lúdicas em intervenções educacionais e terapêuticas voltadas para crianças com TEA, proporcionando um suporte mais efetivo ao seu crescimento e aprendizado. O papel da família é fundamental nesse contexto, pois muitas vezes, devido à falta de orientação ou dificuldade em lidar com certos comportamentos, os familiares acabam adotando uma postura permissiva. Essa abordagem visa evitar a manifestação de comportamentos disruptivos, mas, ao mesmo tempo, pode acabar reforçando comportamentos rígidos e dificultando a introdução de novas experiências. Como resultado, o ambiente se torna empobrecido em estímulos, limitando a participação da criança em atividades lúdicas e a criação de novas vivências. Isso pode ocorrer por falta de tempo, orientação ou até devido a fatores familiares, como medos e crenças infundadas. Por exemplo, em uma situação cotidiana, uma mãe pode evitar que seu filho participe de um jogo de tabuleiro, temendo que ele fique frustrado ou reaja agressivamente durante o processo.

Porém, ao tomar essa decisão, ela perde a oportunidade de promover uma vivência que ajudaria o filho a desenvolver habilidades sociais e a aprender a lidar com frustrações de forma controlada.

Por outro lado, algumas famílias relatam que utilizam o brincar como uma ferramenta para conhecer melhor seus filhos e estimular o desenvolvimento de comportamentos que podem ser modificados de maneira gradual e processual. Nesse sentido, ao incluir-se nas brincadeiras, elas adquirem um maior repertório de estratégias e, conseqüentemente, tornam-se mais preparadas para lidar com os comportamentos disruptivos de forma eficaz, promovendo um ambiente mais rico em estímulos e experiências positivas para a criança. De acordo com Friedmann (2011), a participação dos pais nas brincadeiras com seus filhos favorece a criação de uma relação mais íntima, além de facilitar a escolha de brinquedos que atendam às necessidades, habilidades e interesses específicos das crianças. O envolvimento ativo dos pais no brincar pode ser uma forma eficaz de fortalecer os laços familiares e promover o desenvolvimento da criança de maneira mais direcionada. Saviani (2014) também destaca a importância do brincar na construção de vínculos entre pais e filhos, afirmando que essa interação não apenas aprofunda os laços afetivos, mas também impulsiona o desenvolvimento das competências cognitivas, afetivas e relacionais da criança.

Esse processo de vinculação por meio do brincar não se limita ao ambiente familiar, podendo ser igualmente explorado por terapeutas e educadores que acompanham a criança no seu cotidiano de aprendizagem. Além disso, qualquer atividade que envolva a criança saindo de sua zona de conforto e enfrentando suas dificuldades, mediada por recursos lúdicos oferecidos por uma equipe multidisciplinar, pode ser considerada uma intervenção através do brincar. Exemplos de instrumentos podem incluir a voz, o canto, o toque, o olhar, brinquedos, ou materiais de intervenção precoce como bolas, rolos e tecidos, utilizados em centros especializados. Essas estratégias podem ser compreendidas como intervenções eficazes no contexto do Autismo, proporcionando à criança a oportunidade de evoluir e superar barreiras. Dessa forma, o brincar, seja por meio de jogos ou brincadeiras, com o uso de brinquedos e outros materiais, deve ser visto como uma importante ferramenta de intervenção para crianças dentro do espectro do autismo, funcionando como um recurso, estratégia e ação terapêutica. Segundo Cipriano e Almeida (2016), Atividades lúdicas que envolvem recursos de Integração Sensorial são fundamentais para proporcionar às crianças experiências sensoriais que atendam às suas necessidades específicas, com foco nos sistemas mais afetados. Tais atividades podem incluir o uso de malhas e tecidos, texturas diferenciadas como areia, argila, massinha, espuma de barbear e geleia, bem como alimentos crus ou cozidos, discos de propriocepção e balanços. Além disso, a estimulação sensorial, como o uso de creme hidratante, também pode ser integrada, sempre dentro de um contexto lúdico, onde o brincar se torna uma ferramenta poderosa.

Essas práticas têm um grande impacto na modulação sensorial das crianças com TEA, atuando nos sistemas tátil, vestibular, proprioceptivo, auditivo, visual e olfativo. O uso de músicas durante essas atividades é especialmente eficaz, pois contribui para a criação de um ambiente lúdico e acolhedor, favorecendo a participação das crianças e potencializando os benefícios dessas experiências sensoriais. O jogo simbólico, iniciado pela criança ou com brinquedos estruturados, envolve ações representativas e faz de conta, despertando o interesse e atenção da criança, principalmente no que diz respeito à linguagem. Materiais como cestas de alimentos de plástico, utensílios de casa em miniatura, pratinhos, garfinhos e colheres são excelentes para estimular o jogo de representação. Além disso, brinquedos não estruturados podem ser incorporados facilmente ao jogo simbólico, bastando dar espaço para a imaginação e criatividade. Já os jogos teatrais e de dramatização promovem interações lúdicas, favorecendo o desenvolvimento de habilidades expressivas e sociais.

Os jogos de construção, como blocos de encaixe, são recursos que favorecem o desenvolvimento da concentração, atenção, coordenação viso-motora, paciência, perseverança, além de estimular a independência e o sentimento de realização. Eles também incentivam o pensamento abstrato, o reconhecimento de semelhanças e diferenças, o raciocínio lógico e a resolução de problemas, proporcionando um ambiente de exploração e criatividade (ALMEIDA, 2010). Além disso, a música e o movimento desempenham um papel importante no desenvolvimento da atenção e na comunicação. Instrumentos musicais, como tambor, teclado, maracas, pandeiro e xilofone, oferecem oportunidades de explorar os sons e incentivar a curiosidade. (Cipriano; Almeida, 2016). A música também pode ser usada para ajudar as crianças que resistem ao início e término de atendimentos, como uma forma de sinalizar esses momentos. Brincadeiras que envolvem canto e movimento são valiosas para explorar o corpo e as sensações, enquanto brincadeiras de mãos, nas quais o adulto interage olho no olho com a criança, ajudam a estabelecer vínculos e fortalecer a comunicação (FRIEDMANN, 2011). Portanto, a partir das considerações apresentadas, é possível concluir que o brincar, quando inserido em contextos terapêuticos e educacionais adequados, se configura como uma ferramenta essencial no desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), promovendo avanços significativos nas áreas social, cognitiva e emocional.

4 DISCUSSÃO

A análise das diversas abordagens terapêuticas que envolvem o brincar como instrumento de intervenção para crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) evidencia sua relevância no processo de desenvolvimento social, cognitivo e emocional desses indivíduos. O brincar, além de ser

uma forma natural de expressão e aprendizado para as crianças, quando usado de maneira direcionada e estruturada, pode se tornar uma ferramenta terapêutica fundamental. Diversos tipos de atividades lúdicas, como jogos simbólicos, jogos de construção, atividades sensoriais e outras práticas de interação, têm demonstrado resultados positivos no estímulo da imitação, da comunicação e da flexibilidade cognitiva, habilidades que geralmente apresentam desafios em crianças com TEA (Kasari et al., 2006; Stagnitti et al., 2012).

Os resultados obtidos demonstram a relevância do brincar como uma estratégia terapêutica e educacional indispensável para crianças com TEA. O brincar estruturado, conforme indicado por Barton et al. (2019), oferece um ambiente que reduz barreiras comportamentais e facilita a interação social, essencial para o desenvolvimento de competências interpessoais. Além disso, Wong e Kasari (2012) enfatizam que atividades focadas em atenção conjunta contribuem diretamente para o aumento do engajamento e da comunicação, elementos cruciais para a integração social. No âmbito cognitivo, Kasari et al. (2006) e Stagnitti et al. (2012) destacam a importância de brincadeiras simbólicas e criativas no desenvolvimento de habilidades mais complexas, como planejamento, criatividade e linguagem. Essas práticas não apenas promovem avanços no desenvolvimento cognitivo, mas também preparam a criança para contextos sociais mais amplos e desafiadores.

No contexto do jogo simbólico, por exemplo, as brincadeiras que envolvem faz de conta, em que as crianças imitam ações e interagem com objetos de forma representativa, têm mostrado um impacto significativo na capacidade de comunicação verbal e não verbal (Almeida & Cipriano, 2016). Atividades como essas estimulam a linguagem e o raciocínio lógico, além de promoverem uma maior compreensão sobre papéis sociais, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades essenciais para o relacionamento interpessoal e a adaptação a diferentes situações cotidianas. Materiais como utensílios de brinquedo, miniaturas de objetos do cotidiano e brinquedos não estruturados favorecem a imaginação e a criatividade, tornando o jogo simbólico uma estratégia importante para expandir o repertório comunicativo e social da criança com TEA. Além disso, as atividades estruturadas, como jogos com regras definidas, início, meio e fim, proporcionam uma organização e previsibilidade que favorecem a modulação emocional e o controle comportamental das crianças. Esses jogos têm um impacto positivo no desenvolvimento das habilidades de resolução de problemas e de autocontrole, visto que demandam o seguimento de regras e o cumprimento de tarefas de maneira sequencial. A aplicação dessas atividades não se restringe ao contexto lúdico, mas pode ser estendida para o dia a dia, como nas Atividades de Vida Diária (AVDs), por exemplo. Nessas atividades, crianças com TEA podem ser orientadas a planejar e executar tarefas relacionadas ao autocuidado, como escovar os dentes ou tomar banho, o que contribui para a promoção da autonomia

e da independência, além de incentivar uma maior aceitação da finalização das atividades, especialmente para aquelas que costumam se desorganizar com a transição entre os momentos de brincadeira e o término das atividades (Almeida & Cipriano, 2016).

Contudo, é importante ressaltar que a implementação de intervenções baseadas no brincar exige profissionais capacitados e ambientes adequados, além de adaptação às necessidades individuais das crianças. A inclusão dessas práticas em contextos educacionais e terapêuticos deve ser uma prioridade, considerando seus benefícios comprovados tanto no desenvolvimento social quanto cognitivo. A participação ativa da família também se configura como um fator crucial para potencializar os efeitos dessas intervenções. O envolvimento dos pais nas atividades lúdicas, seja por meio da escolha dos brinquedos adequados ou pela criação de momentos de interação familiar, fortalece os vínculos afetivos e permite que os pais compreendam melhor as necessidades e preferências de seus filhos (Friedmann, 2011; Saviani, 2014). Como destacam autores como Friedmann (2011) e Saviani (2014), o brincar em conjunto com a criança favorece não apenas o fortalecimento dos laços familiares, mas também o desenvolvimento de competências cognitivas, afetivas e sociais, criando um ambiente mais seguro e estimulante para a criança. Portanto, as evidências discutidas ao longo deste estudo reforçam a importância do brincar no processo terapêutico de crianças com TEA. O uso de atividades lúdicas estruturadas, combinadas com a participação ativa da família e a aplicação de estratégias sensoriais, não só contribui para o desenvolvimento de habilidades essenciais, como também proporciona um ambiente mais inclusivo e acolhedor. Essas práticas, quando bem implementadas por profissionais qualificados, desempenham um papel crucial na melhoria do bem-estar, da qualidade de vida e da integração social das crianças com TEA, tornando-se, assim, um instrumento indispensável nas intervenções pedagógicas e terapêuticas voltadas para esse público. A inclusão do brincar como uma abordagem central nas intervenções deve ser priorizada, com a devida adaptação às necessidades individuais, garantindo que essas práticas continuem a ampliar o potencial de desenvolvimento, promover inclusão, autonomia e qualidade de vida para crianças com TEA (Barton et al., 2019; Wong & Kasari, 2012).

5 CONCLUSÃO

A análise das diversas abordagens terapêuticas e educacionais que envolvem o brincar como ferramenta de intervenção para crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) revela o quão essencial essa prática é no processo de desenvolvimento social, cognitivo e emocional desses indivíduos. As intervenções lúdicas estruturadas, como jogos simbólicos, atividades de construção e jogos sensoriais, demonstram um impacto significativo no desenvolvimento de habilidades essenciais,

como comunicação, socialização, autocontrole e flexibilidade cognitiva. O brincar, ao ser integrado ao contexto terapêutico e educacional, proporciona à criança uma oportunidade de interagir com o mundo ao seu redor de maneira mais organizada e significativa, facilitando a expressão de suas emoções, pensamentos e necessidades.

Além disso, os resultados apontam que, ao envolver pais e cuidadores no processo lúdico, as intervenções se tornam mais eficazes, promovendo não apenas o fortalecimento dos laços familiares, mas também a criação de um ambiente mais acolhedor e estimulante para a criança com TEA. A participação ativa dos pais nas atividades lúdicas favorece a compreensão das necessidades específicas da criança e permite que estratégias adequadas sejam aplicadas no dia a dia. Essa colaboração entre profissionais, famílias e a própria criança é fundamental para o sucesso das intervenções, uma vez que as necessidades individuais devem ser levadas em consideração, e as práticas de brincadeira devem ser adaptadas para otimizar os resultados.

Por fim, os benefícios do brincar, quando corretamente orientado e contextualizado, são evidentes no desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e emocionais, contribuindo para a promoção da autonomia, inclusão e qualidade de vida das crianças com TEA. Para que esses resultados sejam alcançados, é necessário que profissionais capacitados e especializados ofereçam suporte contínuo e individualizado, respeitando as particularidades de cada criança. O brincar, como ferramenta terapêutica e educacional, deve, portanto, ser integrado como uma abordagem central nas intervenções voltadas para crianças com TEA, promovendo um desenvolvimento mais amplo, equilibrado e inclusivo. A pesquisa e a prática contínuas nessa área são essenciais para garantir que o brincar continue sendo um recurso eficaz e transformador na vida das crianças com Transtorno do Espectro do Autismo.

REFERÊNCIAS

- BARTON, E. E.; LAWRENCE, K.; DEURLOO, F. The impact of structured play on social skills in children with autism spectrum disorder: A systematic review. *Autism*, v. 23, n. 5, p. 1075-1086, 2019.
- CIPRIANO, Monera Sampaio; ALMEIDA, Marcos Teodorico Pinheiro de. O brincar como intervenção no transtorno do espectro do autismo. *Extensão em Ação, Fortaleza*, v. 2, n. 11, p. 78-91, jul./out. 2016.
- HOWLIN, P.; MAGIATI, I.; CHARMAN, T. Systematic review of early intensive behavioral interventions for children with autism. *American Journal on Intellectual and Developmental Disabilities*, v. 114, n. 1, p. 23-41, 2009.
- KASARI, C.; FREEMAN, S.; PAPARELLA, T. Early intervention in autism: Joint attention and symbolic play. *International Review of Research in Developmental Disabilities*, v. 33, p. 207-240, 2006.
- KASARI, C.; ROTHERAM-FULLER, E.; LOCKE, J.; GULSRUD, A. Making the connection: Randomized controlled trial of social skills at school for children with autism spectrum disorders. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v. 53, n. 4, p. 431-439, 2012.
- REICHOW, B.; BARTON, E. E.; BOYD, B. A.; HUME, K. Early intensive behavioral intervention (EIBI) for young children with autism spectrum disorders (ASD). *Cochrane Database of Systematic Reviews*, n. 10, CD009260, 2012.
- STAGNITTI, K.; O'CONNOR, C.; SHEPPARD, L. Impact of the Learn to Play program on play, social competence, and language for children aged 5-8 years who attend a specialist school. *Australian Occupational Therapy Journal*, v. 59, n. 4, p. 302-311, 2012.
- WONG, C.; KASARI, C. Play and joint attention of children with autism in the preschool special education classroom. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 42, n. 10, p. 2152-2161, 2012.
- WONG, C.; ODOM, S. L.; HUME, K. A. et al. Evidence-based practices for children, youth, and young adults with autism spectrum disorder: A comprehensive review. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 45, n. 7, p. 1951-1966, 2015.